

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER:
UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO
Gabriel Kafure da Rocha

**A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER:
UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO¹**

LA GÉOPOÉTIQUE CHEZ BACHELARD ET WUNENBURGER : UN
ESSAI SUR UN ANTHROPOLOGUE DANS LA PHILOSOPHIE DE
L'ESPACE

Gabriel Kafure da Rocha²

RESUMO

Este ensaio é um exercício para tentar adequar a filosofia de Gaston Bachelard e Jean-Jacques Wunenburger numa perspectiva de pensamento ameríndio, em que o imaginário de histórias autóctones pode ser relido por meio de estruturas geopoéticas de ambos os pensadores. Sendo assim, colocamos no título “um ensaio sobre um antropólogo”, sem se referir diretamente a Wunenburger como antropólogo do imaginário ou a Bachelard como filósofo do espaço. Nossa intenção com o subtítulo é criar um personagem antropológico que experimenta geopoeticamente sua relação com o mundo. Para isso, valemo-nos principalmente dos livros *A terra e os devaneios da vontade*, de Bachelard, e *L'imagination géopoiétique*, de Wunenburger.

Palavras-chave: Imaginário. Espacialidade. Pensamento ameríndio.

¹ Este texto é uma homenagem a Omar da Rocha Junior, meu pai, antropólogo, que me ensinou a filosofar contando tantas histórias de seus caminhos geopoéticos e a quem devo boa parte de minha criatividade.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

RÉSUMÉ

Cet essai est un exercice philosophique visant à adapter la philosophie de Gaston Bachelard et Jean-Jacques Wunenburger dans une perspective d'une pensée amérindienne, dans laquelle l'imaginaire des histoires autochtones peut être relu par les structures géopoétiques des deux penseurs. Ainsi, nous mettons le titre d'un essai sur un anthropologue, sans se référer directement à Wunenburger comme anthropologue de l'imaginaire ou à Bachelard comme philosophe de l'espace. Notre intention avec le sous-titre est de créer un personnage anthropologique qui expérimente sa relation avec le monde géopoétique. Pour cela, nous utilisons surtout les livres « Terra et les rêveries de la volonté » et « L'imagination géopoïétique ».

Mots-clés : Imaginaire. Spatialité. Pensée amérindienne.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Após caminhar por regiões da América Latina, o antropólogo se põe a pensar sobre seus aprendizados e trabalhos com os povos ameríndios e suas filosofias de vida. Assim, partindo do Brasil e de uma primeira iniciativa fenomenológica, lembra-se do início de sua jornada, sua viagem pelas veias da América Latina. Ao sair de uma aldeia em seu Jeep rural, vê um indígena no caminho e lhe pergunta se quer uma carona; o índio aceita, mas, tão logo o carro anda por um quilômetro, ele pede para descer. O antropólogo então se surpreende e pergunta o porquê, e o índio explica algo como se houvesse deixado sua alma no caminho.

Nesse sentido, procuraremos neste ensaio desvelar aquilo que é o movimento da alma, da anima, diante do espaço, e para isso nos valeremos das filosofias de Gaston Bachelard e Jean-Jacques Wunenburger, que marcam uma continuidade nos estudos do imaginário. Assim, por essa jornada geopoética, o antropólogo entende que a filosofia tem como base a forma com que os povos autóctones descobrem seus saberes, por onde vivem e o que significa essa vivência; e com o livro *L'imagination géopoïétique*, de Wunenburger, percebe, então, que sua jornada será repleta de significações de como o espaço fala sobre o homem.

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

MATRIZES

Dentro da espacialidade nascente, o espaço é o negativo da ideia, da zona em que ela se situa, de modo que está em constante relação entre o meio e o *topos*. Do meio ambiente criado pela natureza ao *topos* em que as coisas estão, o homem se situa em suas idealidades de forças simétricas e assimétricas.

Para o filósofo, toda percepção do espaço vem antes da denominação de um objeto, desde as estruturas pré-linguísticas entre signos regulares e irregulares em que há simetria para uma manifestação de um espaço ideal.

Contudo, por mais que exista há tanto tempo na Grécia o culto da simetria, esta promove os erros humanos dentro de uma primitiva perspectiva de um plano com partes idênticas. Wunenburger afirma que as simetrias extra figurais (diferentemente das intrafigurais) dão à consciência exterior a percepção de uma realidade que se duplica, em que se encontram as falsas simetrias que só existem em um mundo ideal. Os elementos que mais se aproximam desse âmbito de simetria real e natural são os cristais, que apesar de dissimétricos, constituem-se em formas extremamente singulares com uma harmonia entre suas pontas.

No corpo humano, das assimetrias entre os hemisférios cerebrais nascem os reconhecimentos dos lados direito e esquerdo, e, conseqüentemente, ocorre uma pendência a um destes, distinguindo, assim, pessoas destras e canhotas. Assim, o yin-yang, a dualidade sexual ou elementos como estes representam a criatividade harmônica de um cosmos dissimétrico que constantemente promove inovações de suas propriedades.

A dissimetria aumenta a complexidade da vida numa evolução criadora. Assimetria é a ordem, a matriz que exprime um ser ideal, ao passo que a dissimetria representa o devir, a mudança, a desordem e até mesmo a entropia. Se a simetria representa a técnica, é preciso evitá-la, então, na medida em que sua repetição temporal no espaço não auxilia a promover o saber geopoético, que é uma relação entre homem, natureza e cultura.

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

Assim, o antropólogo segue sua jornada assimétrica no mundo; ao cruzar um rio e pedindo auxílio a dois indígenas, ele é levado em uma canoa, e no caminho encontram um jacaré, que passava a alguns metros de distância. À medida que a canoa segue seu rumo, o antropólogo vai percebendo como o acontecimento daquele encontro é motivo para fantasia, tanto que no seu imaginário o jacaré vai se tornando cada vez maior, a ponto de fazer a canoa virar ou, até mesmo, comer os índios ou o próprio antropólogo. Assim, nesse caminho geopoético, o antropólogo vai percebendo que o mundo da vida é assimétrico, e a não dualidade entre verdade e mentira nos faz muito mais felizes à medida que cada experiência se torna uma nova história dissimétrica e descontínua a ser contada.

ESCALAS E SUPERFÍCIES ESPECULARES

O espelho é um espaço de reflexão dupla, um espaço artificial; assim como os colonizadores conquistaram os índios com espelho, filosoficamente é possível dizer que da reflexão de tal objeto surge um paradoxo de valores simbólicos que oscilam entre a ilusão e a desilusão. A imagem de um espelho é um exterior sem interior, é um outro sem lugar e sem corpo.

O espelho fixo tem em sua materialidade algum efeito próprio de um fundo sem forma determinada, ao passo que é simetria entre objeto e reflexo, e o isomorfismo dessa imagem entre o ser e seu duplo é uma desrealização da substância. Um jogo em que os reflexos não são o mundo, mas inter-relações efêmeras, um espetáculo que engana o olhar.

O homem ocidental se encanta com o espelho, mas ao mesmo tempo está sempre fugindo, ameaçado pelo “olha a ti mesmo”: ele prefere o espelho do olhar, o reflexo que se dá na pupila do outro. Nesse, quando se vê de longe o que somos, no “espelho do olho”, dá-se a virtude geopoética. A duplicação desse reflexo nada mais é do que uma imagem apropriada pelo outro.

A geopoética é esse aprendizado do olhar especular do “outro” e da natureza. O antropólogo seguiu sua viagem numa trilha em que os indígenas o levaram, num local sagrado onde se realizava um rito de passagem, numa pedra com um buraco do mundo,

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

um olho da natureza em que ele deveria entrar, uma gruta em que depois que entrasse não poderia mais sair pelo mesmo lugar.

Com medo, pois essa jornada de renascimento deveria ser feita solitariamente, o antropólogo entra no buraco e vê três caminhos: na esquerda não havia saída; na direita, muitos morcegos; e, no caminho do meio, ele encontra uma passagem como uma escada natural, pedra após pedra em sua irregularidade, e pensa, naquele momento, que tudo daria certo, embora encontre ao final somente um grande paredão. Ele percebe que a natureza está lhe dizendo algo, e, ao olhar para cima, vê a saída; escalando com as costas, os pés e as mãos apoiados, consegue sair e tem uma grande visão, uma grande paisagem do alto para um vale. Os índios o esperavam lá em cima e felizes celebraram. Do olho ao útero da terra, ali havia um homem renascido.

A ECOPOÉTICA DOS ELEMENTOS

Assim, o antropólogo continua sua reflexão, com a terra e as florestas, com a força numinosa da madeira, assim como a da água, da terra e do fogo, mostrando-nos os elementos e sua relação com o povoamento e com a habitação. A floresta está do outro lado da técnica e do trabalho. Ali o ser e as forças naturais se desenvolvem em crenças mágico-religiosas. Os locais humanizados, habitados de certa forma, como cachoeiras e cavernas, árvores sagradas, cabanas e mesmo cruzeiros no alto das montanhas, oferecem à floresta a visão de um grande templo.

As polaridades e o ciclo de estações são metamorfoses constantes entre símbolos e mitos. No imaginário humano, os animais carregam essa ambiguidade maléfica-benéfica, sendo componentes da arquitetura sacra dessa floresta, alterando de certa forma sua estrutura com seus ninhos, buracos, esconderijos. O mundo vegetal é pura interligação entre raízes e folhas, equilíbrio.

A floresta é um paraíso selvagem, de clareiras e mistérios, de caminhos formados pela chuva, no qual os caçadores aprendem a desbravar o coração do inabitado. A morte e a vida, a lei da sobrevivência, são as únicas realidades da floresta. Ao sair da ordem estabelecida de um espaço sem horizontes, o antropólogo percebe que se há uma trilha é porque ela leva a cabanas em ruínas ou aos lugares antigos de

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

iniciação dos indígenas. Assim, espacialmente se percebe que os povos ancestrais entendiam a expressão da natureza em sua interação dialética com o homem.

Como um teste de retorno à origem, de descreção de si, da passagem ao limite, a iniciação na floresta também possibilita o renascimento do novo homem ao capturar as energias onipresentes hierofânicas. A floresta torna-se, assim, um lugar de circulação de forças entre a ordem dos humanos e a dos deuses. [...] Desde o início dos tempos, caçadores e guerreiros fazem das florestas os seus laboratórios. Os trabalhadores tiveram que abrir caminho para os oradores, aqueles que tornam a floresta menos experimental do que desejo ou necessidade oratória de seus deuses. (WUNENBURGER, 2016, p. 111 tradução nossa)

Na floresta é possível retomar os sentimentos de perigo, solidão, das passagens e dos limites, e esse é um dos sentidos geopoéticos: dar passagem às circulações de forças das ordens geopoéticas como motivações vitais que podem ser expressas. Os errantes das florestas, povos autóctones que conhecem a dimensão selvagem verdadeiramente, sabem ler a si mesmos com a perspectiva animal-homem-vegetal numa cíclica metamorfose. Só quem se perde nas trilhas da floresta é capaz de experimentar o que quer dizer a perspectiva das descobertas da espacialidade.

Conta então o antropólogo, enquanto caminha na floresta com um grupo de investigadores que querem chegar até uma aldeia e, no meio do caminho, encontram uma grande árvore: eles estão perdidos e todos os caminhos que seguem os fazem voltar àquela mesma grande árvore, Samaúma, a princesa da floresta. O antropólogo se concentra e emite um canto conhecido na floresta, um dos sinais que os índios e caboclos utilizam, batendo na Sapopemba para se comunicar com outras pessoas e espíritos nas proximidades. Assim, os caminhos se abrem, o grupo chega à aldeia e, ao conversar com o pajé, ele os explica que na floresta existem árvores antigas que prendem os viajantes através de seu encanto.

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO Gabriel Kafure da Rocha

AS FLORESTAS

Uma das representações universais do espírito da terra é a serpente, animal ligado ao reino mineral, que circula nos planos da água e da terra, havendo até o mito híbrido de uma serpente voadora. Contudo, a serpente, em sua simbologia, tem a imagem de uróboro como uma das representações alquímicas mais fortes de um autoconhecimento, tanto que ela está ligada ao símbolo de ciências como a farmácia e a medicina.

Mesmo que filosoficamente direcionemos a tendência de nos libertar de crenças coletivas, a imaginação tende então a atualizar o espírito da terra em animismos do imaginário da floresta. O *naturgeist* da floresta perfaz as forças invisíveis que se aplicam a uma psicologia das formas, então, se falamos de um ponto e de uma linha, a serpente parece ser representada primitivamente como uma linha sinuosa de uma percepção das origens do próprio pensamento.

O arquétipo da floresta logicamente é o da árvore, e nesse sentido, tal imagem tem uma importância significativa para a relação metaontológica do ser e do espaço, já que a árvore, enquanto metáfora da filosofia e suas ramificações, tem na terra o alimento, o Ser, de suas raízes metafísicas.

Bachelard cita várias vezes o devaneio da árvore como uma estrutura do ser vegetal que convida o ser humano a assumir seu ritmo, o de evolução do pensamento, que nasce como uma semente, passa boa parte de seu desenvolvimento corpóreo como um tronco e depois se expande em diversas perspectivas de planos e projetos de vida. As árvores tanto enfrentam o vento quanto o acaricia, numa visão oriental. A árvore quando balança faz o vento soprar.

A árvore se põe assim como mediadora entre terra e céu:

A árvore, segundo Bachelard, oferece várias imagens para uma psicologia da vida vertical. Ela, na postura de se elevar e de descer às profundezas da terra, torna-se uma ligação entre céu e terra, o alto e o baixo, é o símbolo completo da verticalidade que, pelo devaneio da imaginação material e dinâmica, torna-se um elemento aéreo, simbolizando todas as forças do psiquismo de elevação e descensão, da angústia da queda ou da euforia da elevação, bem

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

como o símbolo da imaginação vegetal e da altura. Nela, dialeticamente, céu e terra unem-se. (SOUSA, 1991, p. 107)

Logo, as florestas, com todas as suas árvores, são muito mais do que um nicho ecológico e econômico que, diga-se de passagem, tende a ser cada vez mais destruído pela técnica. A floresta é a própria fonte de valores imaginários do ser e de suas forças sagradas na mediação entre o visível e o invisível. Os animais da floresta, pássaros, mamíferos e serpentes, são as pulsações da vida, são, segundo Wunenburger, “formas com localização fixa, mas que vagueiam, através do território indeterminado da floresta, às pulsações da vida” (WUNENBURGER, 2016, p. 106, tradução nossa).

Nesse sentido, as árvores parecem exercer a complexidade transcendente-imanente, que designam justamente uma fase final de um ente que transcendeu ao ser e que agora pode se manter imanente. Tal movimento caracteriza justamente uma das manifestações das ex-estâncias das camadas vegetais que compõem a árvore: a torção.

Não é a forma de uma árvore retorcida que faz a imagem, mas é a força de torção, e essa força de torção implica uma matéria dura, uma matéria que se endurece na torção. Eminente privilégio da imaginação material que trabalha com palavras que não são as suas, com signos da imaginação das formas. (BACHELARD, 2001, p. 67)

Nesse sentido, os povos autóctones têm grande respeito por árvores, encontrando nelas a representação de espíritos da floresta. São formas de vida que podem encantar e até mesmo enganar os andarilhos. E entre lendas de alguns índios, esses podem até se encantar e se transformar em árvores depois que morrem. A floresta se constitui em um verdadeiro templo na medida em que suas árvores, cabanas, cruzeiros são sinais de que ali é um espaço de experiências místicas com poder de entrar em contato com a dualidade deuses-mortais.

“As árvores, os frutos e as flores, como as fontes, buscam a luz, buscam o sol, são ‘ontofanias da luz’, da verticalidade do ser. O ser floresce; esta é a mensagem das árvores e das flores ao homem” (CÉSAR, 1996, p. 131). O termo silvestre carrega em si a origem do mundo, na medida em que suas variações morfológicas são a manifestação

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

de uma *silva obscura*, ou seja, de trevas da terra, na qual o caráter impenetrável é semelhante à impenetrabilidade da própria terra. As florestas solitárias equilibram o mundo, visto que produzem o oxigênio, renovam a umidade. As folhas e as raízes mortas alimentam o solo com nitrogênio, renovando constantemente a vida na floresta.

Os povos autóctones que habitam as florestas vivem outra perspectiva espacial. É até interessante estudar as formas primitivas arquitetônicas de ocas e locais coletivos de tribos. Esses povos que vivem em jardins perdidos são considerados selvagens, contudo suas formas de organização política têm grande importância para a renovação de nossas próprias estruturas políticas desgastadas.

A “selvageria” não se limita mais a uma natureza intocada e excessiva, mas transforma o próprio homem errante. A sacralidade converte o homem imediatamente a algum santo radiante, é meio animal, meio humano, uma figura distorcida e mais completamente desconcertada, cabeluda, peluda, horrível e repulsiva. O errante na floresta, portanto, desenha a figura inversa da perfeição, ausência de imagem oca da divindade. (WUNENBURGER, 2016, p. 112, tradução nossa)

MONTANHAS

Apesar de Bachelard citar bem menos histórias geopoéticas das montanhas, ainda assim é possível também encontrar um valor metaontológico nesses dobramentos geológicos que se constituem em seres muito antigos ligados à época que a Terra ainda era Pangeia. É interessante ressaltar que esse caráter pangeopoético designa a Terra enquanto planeta, por isso estamos sempre indo mais além em nossa abordagem metaontológica.

Entre os Hebreus, o monte Sião tem valor de um lugar sagrado que será o novo paraíso; já os gregos consideravam o Monte Olimpo o *topos* dos deuses. Ou seja, um primeiro paraíso que seria a selva, a floresta, é substituído por um lugar alto, tal como o Himalaia ou as Cordilheiras dos Andes. “A simbologia do centro tem um sentido mítico e religioso. Nesse espaço considerado sagrado pela tradição estão a montanha, o monte”

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

(FERREIRA, 2008, p. 38). Nesse sentido, assim como a árvore é uma ligação entre céu e terra, a montanha também simboliza um centro.

Em *A terra e os devaneios da vontade*, Bachelard relembra o complexo de Xerxes, que apesar de representar a tentativa do homem de chicotear a água e torná-la onda, subverte a ideia da violação da altura pela montanha. A escalada de uma montanha pressupõe leveza, a mesma que um Sísifo teria em seu eterno retorno da pedra. Aliás, pedra e montanha compartilham de uma mesma *arché*, dos devaneios da dureza forjada do magma da terra, dos vulcões de onde a técnica retira o material da forja da forma.

A montanha trabalha o inconsciente humano com forças de levantamento. Imóvel diante do monte, o sonhador já está submetido ao movimento vertical dos cumes. Pode ser transportado, do fundo de seu ser, por um élan, em direção aos cumes, e então participar da vida aérea da montanha. (BACHELARD, 2001, p. 358)

Os grandes picos têm uma dialética com as nuvens, a montanha devora as nuvens ou sopra a fumaça da boca do vulcão e, por isso, o complexo bachelardiano mais próprio das montanhas é o Atlas.

O geógrafo sonhador – também os há – oferece-se como um Atlas para sustentar o monte. Que importa que o tomem por um fanfarrão! Contemplando com simpatia o relevo, ele vem participar, com convicções de demiurgo, da luta das forças. Para bem compreender a massa da montanha, é preciso sonhar, levanta-la. A montanha anima seu herói. Atlas é um homem dinamizado pela montanha. Para nós, o mito de Atlas é um mito da montanha. Com justa razão, Atlas é, ao mesmo tempo, um herói e um monte. Atlas carrega o céu sobre montes maciços, sobre os ombros da terra. (BACHELARD, 2001, p. 360-361)

Assim, se a árvore representa o ser humano transcendente-imanente, a montanha representa o centro do mundo.

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

O DESERTO

O deserto representa fundamentalmente a experiência de si, numa geografia simbólica de paisagens que produzem um estado de ânimo, representa basicamente o niilismo. Contudo, é também no deserto que surgem as famosas miragens, imagens ilusórias provocadas pelo cansaço, ilusão calorífica em meio às areias quentes.

Ao contrário do lugar habitado, cheio de valores humanos, o deserto é definido, primeiro, como um espaço onde não se pode consertar. Estamos muito longe do devaneio do lugar, estudado de perto por Bachelard em sua *Poética do Espaço*, que ocorre principalmente no interior da casa (sótão, adega, gavetas). (BOUVET, 2006, tradução nossa)

Quando viajamos por lugares áridos, sabemos que nossa visão se turva diante do calor do dia, por isso, é preciso ter atenção e ser forte para encarar os desertos.

O deserto é mais ou menos um arquétipo, um espaço vazio, em todos os sentidos do termo, um espaço sem forma, que exige a participação do sujeito, não só para polarizá-lo, mas, primeiro, para assegurá-lo. O imaginário é convocado para o deserto, não apenas para representar suas formas, mas para possibilitar a conduta. A passagem do deserto pode ser apenas uma ocasião para triunfar em seu espaço, mas também pode tornar-se um meio paradoxal para se perder, no duplo sentido de uma desorientação e um decreto de si mesmo. (WUNENBURGER, 2016, p. 167, tradução nossa)

Atravessar um deserto é a passagem do um ao outro, ou seja, a experiência de entender face a face os limites do interior e do exterior na resistência a um ambiente agressivo e inóspito. Essa paisagem representa então rupturas interiores, de descobrir um horizonte de luz sem véus, e o deserto exige que aquele que o habita seja nômade e esteja sempre lutando contra os determinismos sociais. É justamente a imagem de um habitar errante.

Num sentido poético, o deserto que alimenta o nosso imaginário possui água, oásis, onde, apesar da aridez, é possível vivenciar a contradição entre vegetação e

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

desertificação. Tal paisagem paradoxal é o retrato do fato de que toda floresta tem um deserto dentro de si e vice-versa.

O nômade se desloca, mas está sempre no centro do deserto, no centro da estepe. Para qualquer lado que se volte os olhos, os objetos diversos poderiam reter uma atenção particular, mas uma força de integração liga-os a um círculo comum que tem o sonhador como centro. Um olhar “circular” cerca todo o horizonte. (BACHELARD, 2001, p. 379-380)

Logo, apesar de Bachelard citar poucas vezes o deserto, podemos ver que seu caráter de solidão niilista também tem como característica ter por todos os lados e perspectivas o mesmo horizonte, ou seja, a horizontalidade deste. Um “*reverserment epistemologique*” é o que o deserto apresenta enquanto experiência de uma paisagem interior ou exterior, que produz estados de alma que animam o espaço vazio. O espaço pessoal é o ponto de partida da superfície da profundidade do nosso ser.

Atravessar o deserto não deve ser entendido como um triunfar sobre o espaço, mas sim como um “*moyenparoxystique*” da perda, da desorientação e da descrição de si. No deserto se encontra o lugar das verdades objetivas em adequação com sua experimentação. Atravessar o deserto é encarar a experiência de si mesmo e do outro. “Essa linguagem secreta do espaço que se anima não é o eco de rupturas interiores” (WUNENBURGER, 2016, p. 168, tradução nossa).

O oposto do deserto é a caverna, e, mesmo que ambos passem por significados de desertificações interiores, representam também a conquista da terra. Diferentemente dos que habitam cavernas, aqueles que habitam desertos são nômades e, ao disseminar suas caravanas espaciais, levam-nos às fronteiras espaciais que o “eu” consegue alcançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ramnoux, em seu artigo *Pour un nouveau tissu linguistique de la philosophie*:

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

[No] lúcido devaneio sobre textos poéticos, em verso ou prosa, feitos para comemorar a floresta, à noite, a vasta planície, o oceano, vividos por um mergulhador na espessura de sua atmosfera ou no deserto, vividos, por sua vez, como a vastidão atmosfera seca, ou como ambiência da luz. Encontramos nesses jogos de oposição estrutural de escolhas de imagem à prática entre seco e o humido, a noite e a luz, a vida (floresta úmida) e a morte (deserto seco): jogos de oposição estrutural que se recuperam os opostos dos físicos gregos antigos ao nível do imaginário, ou como categorias da imaginação. (RAMNOUX, 1979, p. 522, tradução nossa)

Após atravessar o deserto, o antropólogo encontra finalmente o rio da vida, o oásis da fertilidade que poeticamente simboliza o devir de uma correnteza que nunca volta e sempre avança em direção ao mar. Ele encontra um pescador que vive feliz com sua vara de pescar, consciente do grande espelho humano do rio, com sua cabeceira, braços, pés, e da água com seu reflexo da superfície e sua profundidade, em que estão as pulsões e o inconsciente. O pescador fica ao lado do antropólogo para conversarem:

– Ei, o que faz da sua vida, assim, tão boa de viver, com tão pouca coisa para se ter?

– Bom, uma vez um empresário veio até mim e me disse que eu devia pescar um pouco mais do que eu pescava para garantir uma sobra, vender, e com ela obter lucro.

Pois poderia comprar uma rede, pescar mais, conseqüentemente comprar um barco e, com o excesso, acumular até ter uma grande frota de pesca.

– Para que ter tudo isso? – perguntou o antropólogo.

– Assim você poderá estar tranquilo com sua vida e viver só com sua vara de pescar em sua ilha-paraíso.

Ao que ironicamente o antropólogo contestou:

– Ora, mas já não é isso que estou fazendo!?

De acordo com Gaston Bachelard, os seres humanos não são seres de necessidade, mas de desejo. A água – e os quatro elementos – não se limitam a uma única utilidade, função, atividade [...]. A mercantilização dos elementos, a sua alteração, degradação, poluição, exploração, extinção,

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

distanciam os seres humanos de sua Humanidade, uma vez que estes se recuperam como parte do devaneio, como parte da imaginação para atribuir significado às coisas e ajustar as palavras que as designam. A linguagem poética elementar pertence à capacidade de sonhar com o mundo para que isso aconteça. Esse desprezo pelos elementos e suas geopoéticas peculiares a cada um e aos entrelaçamentos geopoéticos representa um empobrecimento irreversível que dá lugar ao ecocídio. Recuperar a geopoética dos elementos é recontar a guerra declarada pelo produtivismo e a lógica do sempre mais. (PAQUOT, 2016, p. 86-87, tradução nossa)

O antropólogo encerra assim sua jornada, percebendo o grande ciclo que havia passado, desde as florestas até o deserto, assim como o caminho geopoético das águas que nascem nas geleiras das montanhas, que se descongelam em lagos que alimentam riachos que se tornam rios que desembocam no mar. Por fim, a água evapora e se transforma em nuvens que vão até o alto das montanhas, novamente se congelar. Nesse eterno retorno, a ecopoética dos elementos faz todo o sentido de preservação. A vida e a natureza se complementam em um panenteísmo perfeito.

Nosso espírito irradia um campo energético na captura da parcela do mundo em que habita enquanto prolongamento do eu. Por essas leituras de Wunenburger e Bachelard, o antropólogo encontrou sua geosofia, como “geognose” que tenta salvar a Terra. Desse modo, numa psicologia das profundezas, a geopoética leva ao ser humano por seus tropismos e topofilia, que encontram o valor de sua terra e tentam assim preservar os conhecimentos ancestrais que servem para lidar com a geopolítica da globalização, que tende a igualar todos os espaços e desafiar o ser humano a se tornar um cosmopolita, criando necessidades e valores que antes não existiam e tampouco eram necessários.

Tais leituras parecem inspiradoras, visto que a geopoética pretende estabelecer uma relação sensível e inteligente de como habitar a Terra. Segundo a professora Rachel Bouvet, isso implica literalmente numa pesquisa de campo em que:

importa, em geopoética, atravessar diferentes territórios geográficos e culturais. Em seus ensaios, [...] há necessidade de sair, a fim de captar, graças

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER: UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha

à viagem, toda a beleza do mundo, que se encontra, dentre outras coisas, em sua diversidade, e de explorar, graças ao nomadismo intelectual, os diferentes saberes e as diferentes obras artísticas e literárias desenvolvidas nas mais diversas culturas. (BOUVET, 2012, p. 13, tradução nossa)

Essa perspectiva nos leva a questionar a aplicabilidade de todo esse viés geopoético dentro de nossa cultura. Assim, entende-se que cada um tem a função de contar sua história, de seus ancestrais e preservá-la para as futuras gerações. Assim termina o antropólogo com seu canto aprendido pelo caminho, os encantos dos povos ficam em seu pensamento, e é isso que vale na vida.

INTER-LEGERE

A GEOPOÉTICA EM BACHELARD E WUNENBURGER:
UM ENSAIO SOBRE UM ANTROPÓLOGO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO
Gabriel Kafure da Rocha

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOUVET, Rachel. **Pages de sable**: essai sur l'imaginaire du désert. Montreal: XYZ, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/GgSytf>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

_____. Como habitar o mundo de maneira geopoética. Tradução Luciana Ambrósio. Revisão Eurídice Figueiredo. **Revista Interfaces**, Pelotas, v. 12, n. 1, p. 9-15, 2012.

CÉSAR, Constança Marcondes. **Bachelard**: ciência e poesia. São Paulo: Paulinas, 1996.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos**. Londrina: Eduel, 2008.

PAQUOT, Thierry. **Gépoétique de l'eau**: hommage à Gaston Bachelard. Paris: Eterotopia France, 2016.

RAMNOUX, Clemence. Pour un nouveau tissu linguistique de la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v. 84, n. 4, p. 521-535, oct./déc. 1979.

SOUSA, Alfonso. A poética de Gaston Bachelard. In: _____. **A poética de Manoel de Barros**: linguagem e de volta à infância. Brasília: Unb, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'imagination géopoïétique**: espaces, images, sens. Paris: Mimésis, 2016.